

MATRIZ DE FESTAS

MATRIZ OF FEAST

MATRIZ DE FIESTAS

Tereza Caroline Lôbo

Doutoranda IESA/UFG

Rua Mato do Sobrado, Qd. 04, Lt. 02 – Vila Zizito Pompeu – Pirenópolis – GO – 72980-000
terezacarolinelobo@hotmail.com.br

João Guilherme Curado

Doutorando IESA/UFG

Rua Direita, 70 – Centro - Pirenópolis – GO – 72980-000
joaojgguilherme@hotmail.com.br

Resumo

A Igreja Matriz de Nossa Senhora do Rosário é um importante lugar não só para as identidades pirenopolinas, mas também para o patrimônio cultural local. Construída no período da mineração em Goiás serviu como eixo de centralidade da urbanização e das festividades religiosas e populares. Recebe tombamento individual na década de 1940 e passa por inúmeras restaurações, até que em 2002 um incêndio lhe consome. Símbolo da paisagem tradicional da cidade tal monumento passa por um processo de redefinição diante das memórias individuais e coletivas. Tencionamos discutir os processos de ressignificações vivenciados pela igreja Matriz enquanto local de partidas e chegadas das festividades locais.

Palavras-chave: Igreja Matriz, Memórias, Festas, Religiosidade Popular, Identidade

Abstract

The Nossa Senhora do Rosário Church is an important place not only for the pirenopolinas identities, but also for the cultural local patrimony. Built in the period of Goiás mining it served as an axle for urbanization centrality and for the religious and popular festivals. It receive the individual registering land at the decade of 1940 and it

goes through many restorations, so then in 2002 a fire burn it. Symbol for traditional scenery of the city this monument finds itself in a redefining process for the individual and collective memories. We tend to discuss the processes for the passed resignations for the Matriz church while place of beginning and ending for local festivals.

Key- Words: Matriz Church, Memories, Feasts, Popular Religiosity, Identity

Resumen

La Iglesia Matriz de Nuestra Señora del Rosario es un lugar importante no solo para las identidades pirenopolinas, mas también para el patrimonio cultural local. Construida en el período de la mineralización en Goiás, sirvió como eje de centralización de la urbanización y de las fiestas religiosas y populares. Recibe conservación histórica individual em la década de 1940 y pasa por innumerables restauraciones, hasta que en el año de 2002 un incendio la consume. Símbolo del paisaje tradicional de la ciudad, tal monumento pasa por un proceso de redefinición frente a las memorias individuales y colectivas. Buscamos discutir los procesos de resignificación vividos por la iglesia Matriz en cuanto local de salidas y llegadas de las festividades locales.

Palabras-clave: Iglesia Matriz, Memorias, Fiestas, Religiosidad Popular, Identidad

Introdução

A igreja Matriz de Nossa Senhora do Rosário é um dos maiores símbolos da paisagem tradicional de Pirenópolis e importante referência no que concerne a monumentos religiosos coloniais do centro oeste brasileiro. Obra iniciada junto ao nascente povoado minerador às margens do Rio das Almas torna-se responsável pela centralidade urbana, religiosa e festiva local. Sendo assim, analisar-se-á as memórias perpassadas sobre a Matriz, assim como as festas ali realizadas.

No segundo momento a preocupação recairá na busca de compreensão das alterações sofridas no interior da Matriz e posteriormente com o tombamento, realizado em 1941, e como tais iniciativas repercutiram na memória coletiva pirenopolina. Alguns roubos de material sacro serão mencionados, mas o enfoque principal continuará sendo as festas religiosas.

Ao trabalhar com a circularidade que sugere e envolve a Matriz nada melhor que as festas que dela saem e retornam, assim como questões ligadas à vida e morte dos católicos pirenopolinos (batismo e óbito), das alterações pelas quais a cidade passou e passa – as diferentes atividades que se ocupam da igreja de maneiras peculiares -, e da permanência da Matriz que, mesmo após incêndio ocorrido em 2002, continua sendo

um dos mais importantes símbolos da paisagem da cidade, passando por processo de redefinição diante das memórias individuais e coletivas.

Casa de Deus – centralidade

Batizada inicialmente como Minas de Nossa Senhora do Rosário de Meia Ponte, a pequena aglomeração surgida com a atividade aurífera, seguindo os costumes e exigências da época logo se mobilizou para construir uma igreja cujo orago era destinado a padroeira local - essa ficou conhecida por Matriz.

A primeira via de acesso conhecida é a rua do Rosário, cuja ladeira ligava a parte dedicada à extração de ouro – com as datas auríferas e os ranchos iniciais - à parte alta que será a detentora da administração política e religiosa, assim como as moradias das famílias que passam a ocupar o lugarejo, ainda num primeiro momento, fazendo com que a Matriz seja detentora da centralidade da *ubis* em formação.

Ao se dar importância à igreja de certa forma cultua-se a cidade, que é percebida como um lugar muito especial, num “espaço sagrado” ou “centro do mundo” (Eliade, 1991, p. 48). Portanto, ao realizar diversos festejos, utilizando-se para isso a memória e sua história, o que se intenta é a delimitação de espaços que transcendem os limites físicos e geográficos e criam, por via do imaginário, um lugar marcado por uma existência concreta, com personalidade e sentidos próprios. Eliade, ao escrever sobre o “centro do mundo”, impõe uma conclusão que nos parece interessante:

*o homem religioso desejava viver o mais perto possível do Centro do Mundo. Sabia que seu país se encontrava efetivamente no meio da Terra; sabia também que sua cidade constituía o umbigo do Universo e, sobretudo, que o Templo ou o Palácio eram verdadeiros Centros do Mundo; mas queria também que sua própria casa se situasse no Centro e que ela fosse uma *imago mundi* (2001, p. 43).*

A incessante busca da centralidade via Matriz molda aspectos que dão forma e, por conseguinte, estruturam seu conteúdo. Produz uma escala microcós mica, um lugar familiar, religioso e, acima de tudo, organizado e festivo.

As primeiras casas começam a ocupar a paisagem de Meia Ponte, tendo por marco referencial um largo onde se construía a igreja. Partindo desse ponto ia se esboçando o traçado urbanístico, inserido o povoado na rota das estradas então

existentes. A Matriz passa a representar a opulência local, pela monumentalidade da construção e como ponto de referência, uma vez que passa a ser avistada de quase todos os pontos da incipiente povoação.

Com a chegada dos bandeirantes às margens do Rio das Almas em 1727 e “pelas injunções da fé católica que os animava, devem ter dado início, desde logo, à ereção dessa igreja” (Jayme, Jaime, 2002, p. 35). Trabalhos realizados por escravos, onde “as paredes do Templo são de taipa com sete palmas de grossura sobre o alicerce de Cantaria, e a harmonia de proporções confere ao conjunto uma singular leveza” (Castro, 2006, p. 150). O processo construtivo em taipa remonta heranças mouras da arquitetura portuguesa e “consiste no apiloamento da argila dentro de uma fôrma de madeira, denominada taipal, que vai sendo mudada de lugar à medida que os trechos apiloados vão se consolidando” segundo informa Coelho e Valva (2001, p. 114).

Construída entre os anos de 1728 e 1732, a Matriz passou até 1757 sem registrar reparos e melhoramentos que desde então tornam-se uma constante, sendo possível acompanhar tais obras mediante anotações realizadas em diversos livros pertencentes à Irmandade do Santíssimo Sacramento, transcritos e mencionados por Jayme e Jaime (2002), que enumeram mais de dezesseis intervenções significativas entre reformas, restaurações e aquisições ou substituições entre os anos de 1758 a 1936 (p. 37- 40), o que demonstra a importância de tal monumento para diferentes gerações, fazendo com que o espaço, aqui a Matriz, seja

entendido a partir das informações que se têm sobre ele, surgindo uma relação de interdependência entre o espaço e a informação. A apreensão de cada espaço ocorre por meio das formas de apropriação que se faz dele. Portanto, todo espaço edificado é identificado por determinadas características que compõem sua particularidade, transformando-o num LUGAR para aquela comunidade que o habita (Landim, 2004, p. 29).

O Arraial de Meia Ponte, até meados do século XVIII, contava com cinco igrejas. A Matriz tendo como filiais: a Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, erigida entre 1743 a 1757 pela irmandade de mesmo nome; a Igreja de Nossa Senhora do Monte do Carmo, sem data precisa de construção, mas foi a terceira a ser edificada; a Igreja de Nosso Senhor do Bonfim, construída entre os anos de 1750 e 1754 e a Capela de Nossa Senhora da Boa Morte da Lapa, erigida pela extinta Irmandade de Nossa

Senhora da Lapa dos Pretos Livres, fundada em 1760, sendo suas ruínas noticiadas em 1869 (Jayme e Jaime, 2002).

Descrevendo a Matriz na paisagem da cidade o naturalista francês Saint-Hilaire observa que a igreja “é bastante ampla e fica localizada numa praça quadrangular (...) da praça onde fica situada essa igreja descortina-se um panorama que talvez seja o mais bonito que já me foi dado apreciar em minhas viagens pelo interior do Brasil” (1975, p. 36). Destaca-se que nessa área próxima, o Largo da Matriz, era o cenário das inúmeras festividades ligadas ao catolicismo.

Destarte as igrejas além de terem uma dimensão ritualística e religiosa vão constituir paisagens a partir do envolvimento do participante com o espaço habitado. Os festejos ali recorrentes, de outro modo, vão compor lugares específicos com prática e conteúdo emocional.

A ligação entre o indivíduo e a comunidade com seu lugar, através do tempo, faz com que as modificações sofridas no lugar sejam incorporadas e reforçadas propiciando o surgimento da sensação de que o lugar teria mantido suas características e persistido como entidade distinta (Ferreira, 2002, p. 47).

Os festejos religiosos nessas espacialidades vão conceder aos seus participantes compreensão da experiência vivida em co-presença, ainda que não seja tematizada, o que concorrerá para sua perpetuação como fenômeno da cultura local, bem como para sua função integradora e definidora do sentimento de pertencimento à comunidade pirenopolina.

Essas lembranças estão ligadas às diversas partes do solo. Se elas se apóiam umas sobre as outras é porque as parcelas às quais se relacionam estão justapostas. Se as lembranças se conservam, no pensamento do grupo, é o que se conserva sobre o solo, é porque a imagem do solo permanece, materialmente fora dele; e porque pode a cada instante retomá-la (Halbwachs, 2004, p. 147).

A igreja em homenagem à santa do Rosário, ao se mostrar como lugar de festas, se apresenta como forma sintética de reflexão sobre a vida, como palco de representação das memórias e das relações de poder que tornam passíveis a identificação e a caracterização das identidades locais.

Por mais que se rememore e fontes são buscadas em relação à construção da Matriz, não há identificação de um construtor, “infelizmente, por mais que nos esforçássemos, não nos foi possível descobrir de quem partiu a iniciativa da construção desse monumento e quais os beneméritos obreiros que o auxiliaram” (Jayme, 1971, p. 510), essa tendência era corrente, uma vez que por determinações da Coroa portuguesa as ordens religiosas eram proibidas de estabelecerem-se na região da mineração, portanto

passava-se, assim, a responsabilidade tanto da edificação quanto da manutenção para as mãos dos fiéis que, com total despreparo técnico e desprovidos de um mínimo de formação artística, simplesmente reproduziam aí o tipo de arquitetura representativa de seus antepassados culturais (Coelho, 2001, p. 213).

Sendo assim, a Matriz enquanto centralidade geográfica representa também um centro de referências ancestrais manifesta na memória coletiva, tanto do saber quanto do fazer e festejar. O que vai ao encontro de algumas proposições contidas na *A alegoria do Patrimônio* ao questionar “o que lembram, então, os edifícios antigos? O valor sagrado dos trabalhos que homens de bem, desaparecidos e desconhecidos, realizaram para honrar seu Deus” (Choay, 2001, p. 140).

Igrejas e Pelejas

Reza a tradição que o sítio escolhido para a construção do templo era em um terreno pantanoso o que especulou, de início, sua transferência. Para que as obras não fossem deslocadas para outro lugar e atendendo aos incentivos e vontades do minerador lusitano Alexandre Pinto Lobo de Sá, como relata d’Alincourt

até por hum capricho mal entendido, edificarão a Matriz no pior sítio do largo, em que existe, com frontespício voltado para o máximo declive do mesmo largo, e os fundos que estão em huma cova, para a parte mais espaçosa; o que executarão só para que o Templo ficasse próximo à casa de quem tinha concorrido com maior quantia para a sua fundação; a que desta sorte se exigio (p. 90).

A igreja acabou sendo edificada de frente para o norte onde se situavam as áreas de mineração, e pelas suas laterais tinham-se ruas que ligavam caminhos à Bahia, ao Mato Grosso e à Vila Boa de Goiás. No largo da Matriz, além da igreja, as casas das pessoas mais abastadas, contava ainda com a Casa de Câmara e Cadeia que configuravam o centro, localizado na parte mais alta do nascente povoado.

Houve, desde o início, a necessidade de erigir a Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, expressando uma política ambígua da Igreja Católica que obrigava a conversão dos negros escravos ao catolicismo ao mesmo tempo em que proibia que freqüentassem as igrejas de brancos - a Matriz. “Nessa medida, cada forma, cada materialidade e traçado que marca a apropriação do espaço se constituem em um texto, que comporta uma trama e oferece uma intriga a ser desvendada” (Pesavento, 2004, p. 1595).

O próprio ato de imposição da religiosidade católica possibilita uma compreensão da marginalização a que os negros eram submetidos. O feito de torná-los católicos não abarcava a premissa de fazê-los irmãos ou semelhantes. Todavia, os negros, mesmo com toda a dificuldade imposta pelos brancos, concluíram a obra por volta de 1757. Em posição frontal à Igreja Matriz, na Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, os negros efetuavam suas práticas religiosas, bem como as reuniões das irmandades.

A Matriz foi destinada como lugar de realização da Festa do Divino Espírito Santo, introduzida em Pirenópolis no ano de 1819 pelo coronel Joaquim da Costa Teixeira, ela é expressão do catolicismo popular de origem portuguesa, tendo em sua estrutura fundamental o conagraçamento de uma coletividade, a cooperação e a solidariedade. Pode-se divisá-la como uma *rede* de relações interpessoais que dão sentido à sua realização.

O cenário religioso de surgimento dos festejos do Divino na cidade é caracterizado por um catolicismo leigo e com participação inexpressiva das ordens religiosas e da alta clerezia. Isso decorre das extensas distâncias que compunham a região de Goiás e dos problemas inerentes à ausência de seus preladados, que, mesmo tendo a primeira nomeação ocorrida em 1782, fizeram com que a posse real da prelazia só ocorresse em 1824 e por um Bispo cego, D. Francisco Ferreira de Azevedo. O

período conhecido como Primeira Evangelização se estendeu até meados do século XIX.

Os obstáculos que se impunham à prelazia e, posteriormente, ao bispado de Goiás na Primeira Evangelização (as longas vacâncias episcopais, a vastidão das paróquias, a inexpressiva participação de ordens religiosas, a ausência dos bispos, etc.) contribuíram para que vigorasse nesse campo de possibilidades uma ampla diversidade clerical. Alguns representantes do clero chegaram a ser bastante elogiados pelos viajantes oitocentistas de passagem por Goiás pela sua erudição e boa liderança religiosa, enquanto outros foram acintosamente criticados (Maia, 2002, p. 174).

Em Pirenópolis, logo no segundo ano de realização da Festa do Divino, o Imperador foi o padre José Joaquim Pereira da Veiga. Os preciosos artefatos da Festa do Divino, como a coroa de prata, o báculo e a bandeira do Divino, datam de 1826, quando foi Imperador o padre Manuel Amâncio da Luz. E mais, foi ele o introdutor da primeira Cavalhada e da distribuição de verônicas e pãezinhos ao povo (Jayme, 1971, p. 611). Grande parte das festividades em louvor ao Divino concentrava-se na Matriz e/ou no seu largo, onde as cavalhadas se apresentaram até a década de 1950.

É importante enfatizar que a relação entre os religiosos da baixa clerezia, promotores oficiais das festas e a população local, procurando cumprir os ciclos das festas, nem sempre foi tão amistosa, vigorando em um ambiente de negociações entre o limite do profano e o estabelecimento do religioso, como pode ser observado pelas memórias de um cônego pirenopolino

O frade [Tobe] arrancou a bandeira do festeiro, da mão do festeiro em 1944! É... escandalizou o povo rasgando a bandeira e quebrando o pau da bandeira em mil pedaços; jogou fora! É, a folia com trezentos, quatrocentos cavaleiros na frente e o festeiro, o imperador na frente, tomou a bandeira da mão do festeiro, quebrou o pau da bandeira e rasgou a bandeira e jogou fora: trapo! [fala imitando o frei em tom de ordem e desprezo] “Trapo! É por que a festa é escandalosa”. Estava entrando aqui o paganismo, as festa de paganismo. Vamos supor: festas religiosa misturada com baile e gente nua no meio da rua, escandalizou o frade. Não, é? É corajoso de mais. Não aceitava nada. Aceitava tudo que vinha de fora, mas não aceitava a ação do frade (Oliveira, 29 de outubro de 2004).

A Matriz passou por reparos, alterações, adaptações e melhoramentos, tais atividades engendradas ficavam a cargo da tradicional Irmandade do Santíssimo Sacramento a mais antiga do Estado de Goiás, responsável na promoção de festas religiosas com leilões junto à comunidade com o intuito de arrecadar fundos para promover e gerenciar as obras necessárias. Cabia, ainda, a essa agremiação, efetivar as anotações das memórias administrativas, religiosas e festivas ocorridas nessa igreja, os registros dessas atividades datam a partir de 1757. Sendo assim, foi possível perceber a dinâmica em volta de tal monumento quando “no dia 20-20-1838, por volta das 9 horas, desabou parte do telhado e, no dia 21 de dezembro, ruiu o resto” (Jayme, Jaime, 2002, p. 39), foi quando, continuam os autores

o Comendador [Joaquim Alves de Oliveira] liderou subscrição popular, para a reconstrução da Matriz. Dos três contos; cento e noventa e cinco mil e cento oitenta réis (3: 195\$180) arrecadados, a quantia de dois contos de réis saiu do bolso do Comendador Oliveira. O então Presidente da Província Padre Luiz Gonzaga de Camargo Fleuri (...) doou um conto de réis do erário público” (2002, p. 39).

O poder dos homens junta-se novamente aos poderes religiosos na Matriz, uma vez que a Casa de Câmara e Cadeia passa por problemas relacionados ao telhado, segundo aponta Jayme (1971) “devido ao estado deplorável em que se encontrava a secular cadeia, foi que a câmara municipal fêz sua instalação solene, a 14 de abril de 1833, no consistório da Irmandade do SS. Sacramento, na igreja Matriz” (p. 133).

Ao longo do século XIX e início do seguinte além da aquisição de pequenos pertences, foram contratados vários trabalhos na Matriz, que vão desde o asseio geral a reparos no telhado, passando por constantes pinturas. Tentativas essas de manter o santuário, símbolo da paisagem tradicional, para que não revivesse o acontecido em 1838. Até que em 1941, por ato do presidente da república a Matriz recebe tombamento individual incorporando-se ao patrimônio nacional. Desde então sucessivas obras de restauração além de pinturas e pequenos reparos têm sido realizados por iniciativa do poder público. O pároco local reclama das imposições ao monumento realizadas após o tombamento. Outro sacerdote, ao realizar o balanço das atividades anuais comenta sobre as interferências que as obras na Matriz causaram nas festas do ano de 1947

realizamos todas as festas de costume na cidade e fora; mas durante os trabalhos na Matriz, houve no Carmo ou no Bom Fim, e quase todas sem procissões. No dia 26 de setembro começamos a novena de Nossa Senhora do Rosário, convenientemente, na Matriz, e, nesta festa principal, houve uma Missa cantada, e procissão brilhante na tarde (Livro de Tombo da Matriz: 1928-1956, fls. 112-113).

Segue o Livro de Tombo registrando as memórias daquele ano: “Esta igreja antiga foi declarada um ‘monumento’ pelo governo federal, e passou nas mãos dela”, nesse trecho a propriedade passa a ser questionada, e relata, ainda, contratempos como “por exemplo ele passou cal na madeira do teto e todo mundo sabe que não pode, que a cal vai cair toda vida, e está caindo e sujando a igreja todos os dias” (fls. 114). Outra indignação pode ser mensurada pela observação deixada pelo padre no mesmo Livro de Tombo: “Não houve coletaas [sic] neste ano por causa da confusão na Matriz” (fls. 115).

As relações inauguradas com o tombamento nem sempre foram ao encontro dos anseios da Igreja, como rememora o cônego Oliveira, pároco entre as décadas de 1940 a 1980,

eu reclamei, porque os padres liam as cartas do Ministério [Da Educação que aglutinava a Secretaria de Patrimônio Sphan], passando pito nos padres, porque, dizia a carta: “você podem usar a igreja para os cultos, mas não podem fazer nenhuma modificação” e passando pito. O Ministério passando pito nos padres! (Oliveira, 29 de outubro de 2004).

Outra peleja refere-se aos atos de vandalismo, demolições e roubos cometidos dentro e fora da Matriz, como destruição do púlpito (1936), o roubo da coroa de ouro da imagem do Sagrado Coração de Jesus, castiçais em prata (1962). Na restauração realizada entre 1984 a 1986 os dois lampadários em prata da nave foram levados. Mas faz-se necessário salientar que os roubos aconteceram não só durante obras de restauração da Matriz, ocorreram também durante as festas que nela se realizavam “durante as festas da Semana Santa [1982], na Procissão de Ramos, furtaram um turbulo de prata” (Jayme, Jaime, 2002, p. 40). Os autores ao questionarem a segurança do monumento afirmam que “apesar de situada num grande largo, cercada de casas por todos os lados, no ponto de convergência de ruas principais, a venerada Matriz não conseguiu livrar-se dos ladrões” (p. 40).

Circularidades

A Matriz, além de ter uma dimensão ritualística ligada à Igreja Católica, constitui um lugar a partir do envolvimento do participante com o espaço habitado. Os festejos ali recorrentes constituem lugares específicos com prática e conteúdo emocional. De outro modo, as experiências humanas são repletas de significados, pois, “alcança-se identidade de um lugar pela dramatização das aspirações, necessidades e ritmos funcionais da vida pessoal e dos grupos” (Tuan, 1983, p. 197).

O mundo percebido dentro desse templo é visto como um lugar festivo, uma forma sintética de reflexão sobre a vida e morte, um palco de representação passível de identificação e caracterização das identidades por intermédio de sacramentos materializados em festas. Assim temos o nascimento como ponto de partida dos registros realizados na Matriz sobre as manifestações festivo-religiosas com os batizados que, se não representavam um evento social destinado a todos os habitantes, serviam para unir social e festivamente as famílias mais abastadas, sendo que a primeira cerimônia foi realizada

aos dous dias do mez de Março de mil esette centos e trinta e dous annos Baptisei e puz os Santos Oleos a Franco, filho legitimo de Bartholomeu da Costa e de Maria Cardoza; foram padrinhos Luiz de Brum da Sylveira e Leonor... fiz este termo dia, mez e era ut supra. Joseph de Frias e Vasconcellos (Jayme, 1971, p. 76).

O ritual oposto ao nascimento, para as festividades católicas, seriam os funerais, e estes possuem os primeiros apontamentos em abril de 1732, um mês após o registro do primeiro nascimento, uma curiosa imposição da vida sobre a morte

em que pese o caprichoso trabalho de conservação e restauração dos livros paroquiais de Meia-Ponte (...) faltam folhas e mais folhas no Livro nº 1 de óbitos, quanto aos anos de 1732/33; existem, no referido livro, dezenas e dezenas de páginas dilaceradas, ou com dizeres desbotados, a tal ponto que se tornaram ilegíveis” (Jayme, Jaime, 2002, p. 94).

A circularidade se faz presente nas festas e na localização da Matriz, espaço também responsável pelos ritos de passagem da vida e da morte. Sendo a primeira

comemorada, festejada e preservada enquanto a segunda é temida, sofrida e tentada a ser apagada da memória, no caso do acervo da Matriz, apagada dos registros.

Sendo um acontecimento para se sentir com arte e uma intensa fé compartilhada, o sentimento dominante nos rituais tradicionais dos catolicismos rústicos não é nem o arrependimento (que ele fique para a breve Semana Santa de cada ano), nem o pesar (mesmo quando se celebra por um morto) e nem o poder majestoso e terrível do sagrado. Ele é uma espécie de ingênuo e poderoso maravilhamento que por algum tempo se partilha. Uma alegria por se estar “aqui”, vivendo “isto” entre todos (Brandão, 2004, p. 29).

A presença desse monumento na vida do lugar provoca um inter-relacionamento entre presente, passado e futuro, transcendendo o tempo. E, ao criarem-se novas formas de intervir no espaço, formando o espaço ritualístico, festivo e religioso, transcende-se também o espaço. Em síntese, é uma tentativa de domesticar o tempo que se vive e dominar o espaço que se habita.

A relação do indivíduo com o seu lugar, no caso a Matriz, vai transformá-la em uma entidade distinta, depositária de uma memória individual e coletiva progressivamente acumulada. A memória vai agir sobre a sociedade local porque está carregada de valores internalizados, adquirindo uma configuração própria na consciência coletiva (Sanchis, 1983). O pirenopolino, apoiado na concretude do mundo vivido, sedimentado de emoções e experiências, constrói de maneira singular sua história, seu modo de ser no mundo.

Em face das intensas e rápidas transformações experimentadas nestes últimos anos pela Matriz - decorrentes das inúmeras restaurações e do incêndio que culminou com uma reconstrução (2002) - e das mudanças ocorridas na cidade de Pirenópolis em função da implantação do turismo regional e nacional, os espaços de convivência nas festas, e a própria revitalização dos festejos é percebida como maneira de intervir na realidade, utilizando para isso seu caráter simbólico, seu conteúdo social e sua tradição.

A festa se impõe como marco para referir-se à tradição reconhecida e mantida pela comunidade local, transmutando o espaço cotidiano em espaço festivo e sagrado, onde se cultuam santos, pagam-se promessas, encontram-se pessoas e verificam-se conflitos. As formas descontraídas de representação do culto são teatralizadas e ritualizadas com grande quantidade de gestos, símbolos, cores, sabores e sons.

Os conflitos surgidos na apropriação do espaço ocupado pela igreja da Matriz por grupos diferentes – moradores tradicionais, migrantes e turistas – advieram das mudanças operadas na vida cotidiana da cidade com a invasão de novas regras e valores, constituindo os códigos de uma nova ordem em vigor. O encontro de diferentes visões de mundo e modos de viver alternativos traz a contradição e a descoberta de si próprio e do outro, percebidas não só no turista que visita a cidade, mas também nos recentes migrantes. Diante do outro, uma comunidade que permaneceu de certa forma isolada por determinado tempo passou a se reconhecer. O desencontro de temporalidades históricas provocou o sentimento de pertencimento e de preservação do que se entende por ser pirenopolino.

As contribuições dos turistas e migrantes, o estranho que “não é apenas alguém que pertence ao ‘mundo desconhecido fora daqui’, mas uma pessoa que, por permanecer, obriga os habitantes locais a tomar uma posição” (Giddens, 1997, p. 102). Eles são meros figurantes e vetores do sentimento de pertencimento da população local envolvida nas atividades da Matriz.

Considerações Finais

As manifestações que ocorrem dentro da igreja da Matriz carregam em si uma linguagem própria. Como instrumento representativo da cultura popular, o monumento possui elementos constitutivos das identidades do lugar. Apesar dos vários problemas inerentes à sua preservação, a igreja vivencia um processo de ressimbolização e os rituais ali realizados permanecem como importantes momentos de manifestação dos sentimentos de pertencimento de uma coletividade.

A maioria dos monumentos responde, entre outras, à expectativa dos sentidos ou do espírito tanto quanto as criações novas e modernas poderiam fazê-lo (...) em outras palavras, que [o monumento] dê a impressão de uma perfeita integridade, inatacada pela ação destrutiva da natureza (Riegl, 2006, p. 91).

A Matriz ao compor as memórias espaciais e festivas da cidade, estando ligada ao sentimento de pertencimento, se vincula ao que Halbwachs (2004) denomina “memória coletiva”, cujo passado não é preservado, mas reconstruído coletivamente

com base no presente. Ao realizarem-se ano após ano, os festejos ligados aos rituais ocorridos dentro e/ou ao redor da Matriz reproduzem continuamente as memórias de acontecimentos ou estados passados, por isso os festejos são ainda uma festa da cidade. Portanto, “a ‘integridade’ da tradição não deriva do simples fato da persistência sobre o tempo, mas do ‘trabalho’ contínuo de interpretação que é realizado para identificar os laços que ligam o presente ao passado” (Giddens, 1997, p. 82).

Referências Bibliográficas

ALINCOURT, Luis d'. **Memória sobre a viagem do Porto de Santos à cidade de Cuiabá**. Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/USP, 1975.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **De tão longe eu venho vindo: símbolos, gestos e rituais do catolicismo popular em Goiás**. Goiânia: UFG, 2004.

CASTRO, José Luiz de. **A organização da Igreja Católica na Capitania de Goiás (1726-1824)**. Goiânia: UCG, 2006.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. Trad. Luciano Vieira Machado. São Paulo: Estação Liberdade/Unesp, 2001.

COELHO, Gustavo Neiva. **O espaço urbano em Vila Boa: entre o erudito e o vernacular**. Goiânia: UCG, 2001.

COELHO, Gustavo Neiva, VALVA, Milena d' Ayala. **Patrimônio cultural edificado**. Goiânia: UCG, 2001.

ELIADE, Mircea. **Imagens e símbolo: ensaios sobre o simbolismo mágico-religioso**. (Trad. Sônia Cristina Tamer). São Paulo: Martins Fontes, 1991.

_____. **O sagrado e o profano**. (Trad. Rogério Fernandes). São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FERREIRA, Luiz Felipe. Iluminando o lugar: três abordagens (Relph, Buttimer e Harvey). In: **Boletim Goiano de Geografia**. Goiânia: UFG, 2002, Vol. 22, nº. 01. p.43-72.

GIDDENS, Anthony. A vida em uma sociedade pós tradicional. In: BECK, Ulrich, GIDDENS, Anthony, LASH, Scott. **Modernização Reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna**. (Trad. Magda Lopes). São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 1997, p. 73-134.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Trad. Laís Teles Benoir. São Paulo: Centauro, 2004.

JAYME, Jarbas. **Esboço Histórico de Pirenópolis**. Goiânia: UFG, 1971, 2 vol.

JAYME, Jarbas, JAIME, José Sizenando. **Casa de Deus e Casa dos Mortos**. Goiânia: UCG, 2002.

LANDIM, Paula da Cruz. **Desenho de paisagem urbana: as cidades do interior paulista**. São Paulo: UNESP, 2004.

LIVRO DE TOMBO. Igreja Matriz de Nossa Senhora do Rosário de Pirenópolis: 1928-1956.

MAIA, Carlos Eduardo S. **Enlaces Geográficos de um Mundo Festivo – Pirenópolis: a tradição cavaleiresca e sua rede organizacional**. Rio de Janeiro: PPGG/UFRJ, 2002. Tese. (Doutorado em Geografia).

OLIVEIRA, Tênysson. Cônego e ex-pároco de Pirenópolis. Entrevista realizada em 29 de outubro de 2004.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cidade, espaço e tempo: reflexões sobre a memória e o patrimônio urbano. In: **Fragmentos de Cultura**. Goiânia: UCG, v. 14, nº 9, p. 1595-1604. set. 2004.

RIEGL, Alöis. **O culto moderno dos monumentos: sua essência e sua gênese**. Trad. Elaine Ribeiro Peixoto e Albertina Vicentine. Goiânia: UCG, 2006.

SAINT-HILAIRE, Auguste. **Viagem à Província de Goiás**. Trad. Regina Régis Junqueira. Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/USP, 1975.

SANCHIS, Pierre. **Arraial: Festa de um povo**. (Tradução Madalena Mendes de Matos). 2ª ed., Lisboa: Dom Quixote, 1983.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. (Trad. Livia de Oliveira), São Paulo: Difel, 1983.

Recebido para publicação em maio de 2008
Aprovado para publicação em junho de 2008